

CORREIO DO POVO

FEIRA DE LIVROS

(Especial para o "Correio do Povo")

REINALDO MOURA

Homem feliz é o que está bem articulado entre os seus dois mundos. O que pode participar profundamente de si mesmo, e pela sua vida interior não tem medo da solidão. Ele se basta, quando for necessário mas seu sentido de humanidade é nitido e inesgotável. Foi pelo conhecimento que ele adquiriu essa situação, foi através de uma insensível disciplina, ao longo do tempo, que ele se dilatou nesse enriquecimento pessoal. E o meio mais cómodo para chegar a essa altura é o livro.

Escreve-se tanto, há tantos livros hoje em todas as civilizações do mundo, que às vezes parece demais, parece que se escreve sem real necessidade que justifique o texto imenso. Mas não há de ser nada. Sempre alguma coisa fica de toda essa aparente dispersão. Livros que repetem livros, textos que já não trazem nenhuma novidade, pois o novo é difícil e muitos afirmam que já nem existe. Não faz mal. Há pesquisadores que se debruçam sobre uma obra, e daí tiram outra, numa exegese talvez desnecessária. O romance contem o mesmo homem de ontem mas o mundo girou entre as nuvens que se repetem, e o homem do romance novo parece outro. De repente um poema entreabre nos olhos da nossa inteligência o lírio desconhecido, o rosto que só existia sugerido pela música, o mar oculto. Da repetição á experiência, o espírito continua, os homens ficam sosinhos e escrevem, uma ansia de interpretar e dar expressão á vida e ao mundo os enfeitiça. E essa curiosidade maravilhosa que nos faz devorar o universo da letra de fôrma onde o outro, o que nos envolve, se repete numa infinita tentativa de explicação! Como é que um homem pode viver sem livros? Como é que se pode conceber uma criatura que só tenha do mundo, e de si mesma, uma noção direta, sem nenhuma interferência dessa coisa a que se chama cultura, e que é o espírito humano acumulado, através do sonho, do mistério e do sofrimento, numa aproximação cada vez mais nitida da verdade? Talvez nunca consigamos visita-la na sua totalidade

porque, quando de repente pensamos contemplar seu rosto, a outra face, a que está do outro lado, mergulha no inconcebível. E' na solidão dos livros, que nos ensinam a pensar, que começamos a sentir o mistério que nos envolve, e ficamos mais próximos de nós mesmos. Até a novela nos ensina a viver, transfigura nossa visão pessoal do mundo. E o homem que não lê não tem elementos para gozar mais profundamente certos momentos da vida, comuns a todos, sem dúvida, mas que através de um espírito deserto não se entregam em toda a sua particular significação. O poema, além de tudo o que pode significar, tem ainda uma utilidade. Ele nos ensina a sentir. Através de seu cristal vemos o mundo com outros olhos.

Estão realizando ali na praça da Alfândega uma feira de livros. Os editores procuram o povo e explicam o que vale a companhia do livro como enriquecimento da vida. Fazem abatimentos nos preços. Apresentam edições e novidades realmente tentadoras. E os homens do povo ficam parados, olhando, curiosos e indecisos. Nesta hora de miséria económica, quem ainda pode viver limpo e sem fome encontra ali, entre os livros numerosos, mais um ensejo de felicidade. A vida interior, que o livro valoriza e dilata, transformando o mundo particular de cada homem, modifica o universo que os envolve. Porque um homem cercado de livros compreende mais profundamente a vida.